

entrevista

ENCONTRAMOS SOLIDARIEDADE



O significado da viagem de uma delegação moçambicana à 32.ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, o encontro com o Presidente Carter, à República Cooperativa da Guiana, à Jamaica e a Cuba é o assunto central desta entrevista que o Presidente Samora concedeu aos jornalistas que o acompanharam.

Foi o povo moçambicano soberano e independente que foi às Nações Unidas, ali onde falam os países; foi o povo moçambi-

cano que se juntou aos Estados Unidos reafirmou a sua Independência; foi o povo moçambicano que se juntou aos povos da Guiana e Jamaica na Luta para romper com a dependência imperialista e combater pela sua libertação económica; foi o povo moçambicano que foi a Cuba — ali onde estão mil e 200 «embaixadores de Moçambique» na forma de estudantes — conhecer, aprender, estudar e trocar colectivamente a experiência da solidariedade, e do Socialismo.



Presidente Samora falando à 32.ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas: «assumir o papel de retaguarda segura ao Movimento de Libertação...».

P.: Quais os objectivos principais da deslocação e intervenção do camarada Presidente na 32.ª Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas?

Presidente Samora: Ali era o povo inteiro de Moçambique, de operários e camponeses, dos nossos escritores, dos nossos intelectuais, portanto estava lá o povo inteiro, o povo em peso. Os nossos objectivos eram claros.

Primeiro, transmitir aos Estados membros a apreciação do povo moçambicano, da República Popular de Moçambique, pela contribuição dada pela Comunidade Internacional à vitória do povo moçambicano contra o colonialismo, assim como os esforços dos Estados membros, de apoio ao povo moçambicano na fase da Reconstrução Nacional.

O segundo ponto, saudar a acção das Nações Unidas na Luta geral contra o colonialismo, o fascismo, o racismo, o apartheid e a agressão imperialista.

Terceiro, dar a conhecer às Nações Unidas as realizações já al-

cançadas pelo povo moçambicano e as suas perspectivas actuais.

Quarto, transmitir à Comunidade Internacional as preocupações essenciais do Povo moçambicano na Luta pela defesa da paz e segurança internacionais, nomeadamente a nossa participação no esforço geral pelo desarmamento geral e universal, pela transformação do Oceano Índico em zona de paz, de maneira a estender o desanuviamento a todas as regiões do mundo, de modo a torná-lo numa tendência principal nas relações internacionais.

Em quinto lugar, situar a Luta por uma nova ordem económica internacional no contexto geral da Luta dos povos contra o imperialismo; definir a contradição fundamental que provoca e mantém o subdesenvolvimento. Finalmente, como ponto central da intervenção dumha das principais zonas de tensão e de ameaça à paz e segurança internacional — que se situa na África Austral —, impunha-se à RPM assumir o seu papel de retaguarda segura ao mo-

vimento de Libertação Nacional — e por isso, é constantemente agredida —; apresenta-se à Comunidade Internacional em nome dos Países da Linha da Frente, os perigos da evolução da situação actual, e submete-se à 32.ª Sessão da A.G. das Nações Unidas as linhas de reflexão conducentes ao restabelecimento da paz pela liquidação do colonialismo e do racismo — que são os responsáveis da situação actual de ameaça.

P.: Qual o conteúdo do encontro com o Presidente Carter, e qual o seu significado nas relações entre os dois países?

P.S.: Talvez disséssemos que pela primeira vez, responsáveis máximos da RPM têm um contacto directo com o Governo dos Estados Unidos. Mas, apesar disso, diremos que o encontro foi extremamente franco e cordial, numa atmosfera calma, de muita abertura.

Este é o primeiro ponto. Segundo, era necessário que nós recapitulássemos a história das nossas relações com os Estados Unidos

que se caracterizavam pelo apoio que os Estados Unidos sempre deram ao colonialismo português, e consequente hostilidade à Luta do povo moçambicano. Era necessário que nós recapitulássemos esse passado: a história das nossas relações.

Com toda a administração americana, diríamos que desde Johnson passar para o senhor Nixon, passar para o senhor Gerald Ford e o seu Secretário de Estado norte-americano, senhor Kissinger, qual foi a sua atitude em relação à nossa Luta?

Em terceiro lugar, era necessário que apreciássemos a preocupação da actual administração americana em romper os laços tradicionais com as causas injustas (as causas injustas para nós é apoiar o colonialismo e racismo), e nessa Administração apreciármos o respeito dos direitos dos povos para escolher livremente a sua via de desenvolvimento económico e social.

Em certa altura apreciámos, quando deu explicação o senhor Presidente Carter.

Quarto, reafirmámos durante as nossas conversações a nossa identidade ideológica, que está na base da aliança natural com os países socialistas. Dissemos que estávamos lá, eramos o que somos já, com a ajuda incondicional dos países socialistas à nossa Luta. E, hoje, são de novo a vanguarda e apoio para a Reconstrução Nacional.

Em quinto lugar diremos que encontrámos recepção da parte do Presidente Carter ao estabelecimento de relações de cooperação económica, de cooperação cultural, científica e técnica mutuamente vantajosas, sem ingerência nos assuntos internos com respeito da soberania.

Sexto, finalmente, reafirmámos a nossa independência total e completa.

P.: A Luta de Libertação na África Austral tem forçado os Estados Unidos a apresentar uma nova imagem da sua política nesta região.

À luz do seu encontro com o Presidente Carter, até que ponto pensa que os Estados Unidos estarão dispostos a retirar o seu apoio directo e indirecto, que tem permitido a sobrevivência do regime de Ian Smith?



Encontro com o Presidente Carter no dia 4. «Aceitam os Estados Unidos que o exército de Smith seja desmantelado».

P.: Em política, o que parece, é O Presidente Carter reafirmou-nos que os Estados Unidos estão decididos a apoiar os esforços pela liquidação do regime minoritário, ilegal e racista da Rodésia do Sul; que estão dispostos a apoiar os esforços pela descolonização na Namíbia; e reafirmou ainda a sua oposição ao apartheid.

Mostrou compreensão às sérias reservas que nós formulámos às limitações da iniciativa anglo-americana, assim como a iniciativa das cinco potências ocidentais sobre a Namíbia.

Esta compreensão exprime-se pela continuação das discussões com as partes interessadas, nomeadamente os Movimentos de Libertação. Vimos que o Presidente da SWAPO esteve lá de novo a discutir com as cinco potências ocidentais. Ouvimos do Secretário Geral das Nações Unidas que há evolução positiva. Ouvimos de certos membros das Nações Unidas convicções de que a África do Sul com a pressão dessas cinco potências — que diremos, são responsáveis pela situação da Namíbia — a África do Sul, aceita já o princípio da Independência com a Namíbia.

A nossa preocupação é que a África do Sul não crie na Namíbia estados fantoches, particularmente, o desmembramento do território em grupos tribais. Isso vai permitir o prolongamento da

guerra, isso não vai resolver a contradição principal que é a Independência total no seu todo territorial da Namíbia, incluindo fundamentalmente Walvis Bay.

Por isso, a nossa preocupação não é somente Independência. É necessário que seja independência total e completa no seu todo territorial; que não se permita a criação de Estados fantoches, estados tribais na Namíbia.

Quanto ao Zimbabwe: que a força principal do Zimbabwe é a Frente Patriótica.

Nós dissemos, e os Estados Unidos compreendem isto. Por isso eu digo, em matéria política, o que parece, é. Aceitam, os Estados Unidos, que o exército do Smith seja desmantelado, que a base para a formação do exército de um Zimbabwe independente, que a base sejam os combatentes. Portanto, o que parece, é.

P.: Em relação à sua visita aos países das Caraíbas — a Guiana e a Jamaica —, onde se estabelecem regimes anti-imperialistas, quais os resultados da visita?

P.S.: São nossos amigos tanto a Guiana como a Jamaica. Apoiaram, política e materialmente, a Luta de Libertação Nacional do povo moçambicano.

Durante a Luta Armada várias delegações nossas visitaram esses dois países e encontraram calor, encontraram entusiasmo, e encontraram sempre preocupação de

conhecer a evolução da situação em Moçambique. Em segundo lugar, esses dois países têm apoiado a Luta de Libertação dos povos, particularmente da África Austral. Em terceiro lugar deram uma importante contribuição material no quadro da ajuda internacional à RPM, para superar as dificuldades criadas pela aplicação das sanções da colónia britânica da Rodésia do Sul. Em quarto lugar, são países que pela experiência histórica, e pela expressão cultural, têm bastantes afinidades com o nosso povo.

Penso que vocês sentiram isso e observaram. Em certa altura não sabíamos se estávamos em Nampula, ou estávamos em Cabo Delgado, ou estávamos em Tete — em qualquer parte onde está o povo moçambicano — pelo entusiasmo, interesse e respeito que têm pela nossa Luta — tanto na Jamaica como na Guiana.

Em quinto lugar, são países que em condições difíceis lutam. Diremos: romperam com a dominação imperialista e procuram estabelecer as bases de um desenvolvimento numa via progressista. Isto, é uma experiência para

nós, particularmente naquela zona das Caraíbas, particularmente na América Latina, onde estão as forças fascistas, neo-fascistas e regimes opressores.

Em sexto lugar estabelecemos bases para o desenvolvimento de uma cooperação mutuamente vantajosa no campo económico, cultural, técnico e diplomático.

Devemos salientar, que apesar das suas dificuldades, estes países prestam-se a enviar gratuitamente cooperantes. Esta acção de países pobres é uma expressão muito elevada, de espírito internacionalista dos povos e Governos da Guiana e Jamaica.

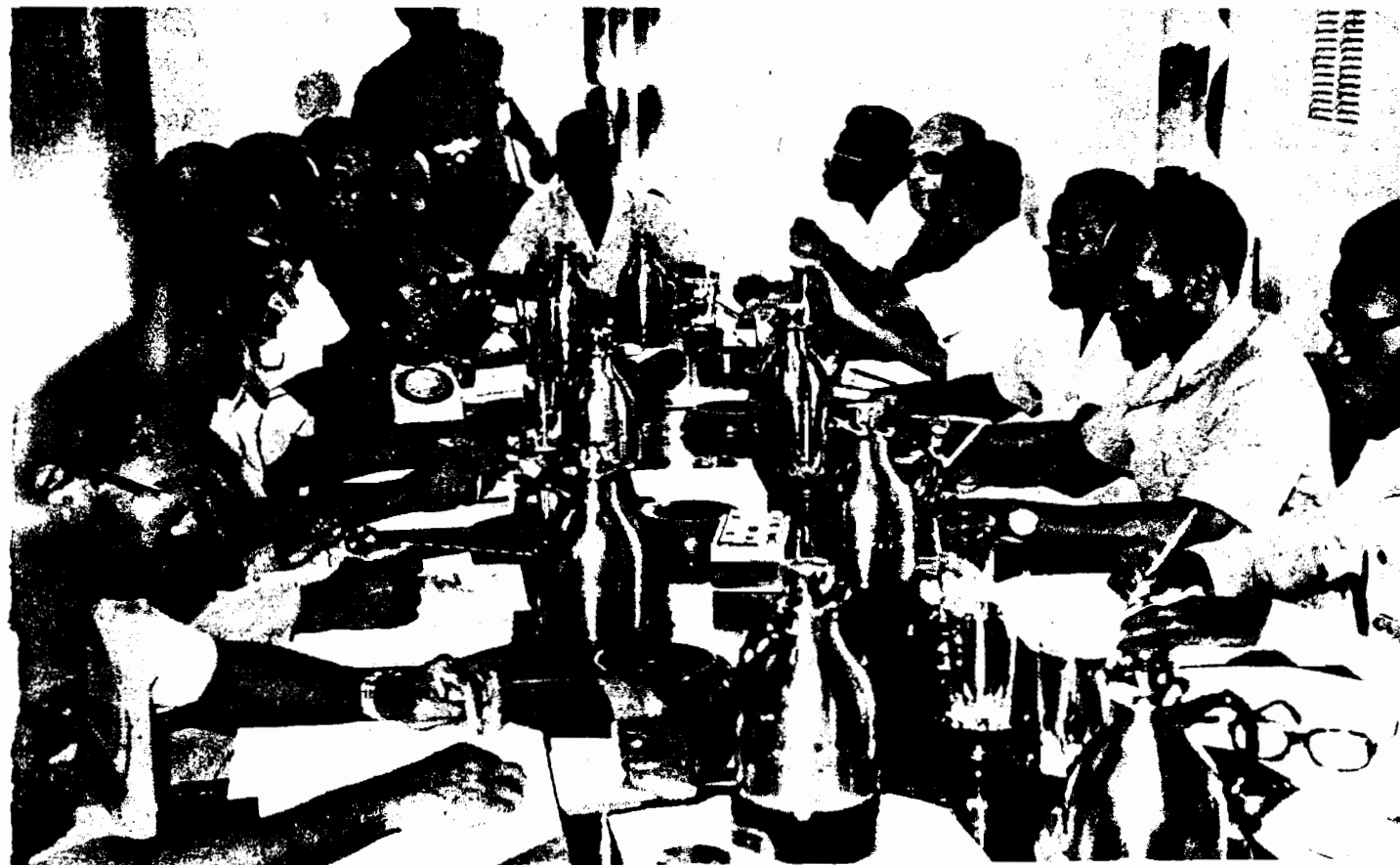
Finalmente, como sentiram também fomos recebidos com o maior carinho e solidariedade e entusiasmo popular. Esperamos que quando os Primeiros Ministros desses países nos visitarem o nosso povo saiba retribuir de maneira digna o calor e amizade de que fomos objecto nesses dois países.

P.: O ponto culminante desta viagem foi a visita a Cuba, no termo da qual foi assinado um Tratado de Amizade, Cooperação e Ajuda Mútua, um Acordo entre os

dois Partidos, e outros importantes documentos. Que novas perspectivas se abrem ao aprofundamento das relações entre os dois povos, Partidos e Estados, nos campos político, económico, social e cultural?

P.S.: Talvez vocês como jornalistas sejam capazes de descrever a nossa visita em Cuba. Vocês serão capazes de dizer em que contexto esta palavra cabe, em que lugar, quando, e como. São vocês todos que estavam lá, não é verdade?

Os companheiros viram como é que se organiza a recepção, como se recebe amigos. Povo em geral, jornalistas, dirigentes do Partido, dirigentes do Governo. Vocês sentiram isso. Até as árvores sabem receber, até as árvores recebem as pessoas em Cuba, nós vimos. Vimos as bandeiras... sentimos imediatamente em Cuba que estávamos numa trincheira organizada, que estávamos numa trincheira que combate permanentemente, que estávamos numa trincheira — trincheira verdadeiramente anti-imperialista —; que estávamos num país Socialista onde



Conversações com o Governo da República Cooperativa da Guiana, chefiado pelo seu Primeiro Ministro Forbes Burnham «Romperam com a dominação imperialista e procuram estabelecer bases de um desenvolvimento na via progressista».

a vida é organizada, onde a corrupção já foi combatida, o liberalismo foi combatido, a indisciplina não tem lugar. Existe ali um desejo comum de todos verem a Revolução avançar.

Por isso, não é por acaso a fraternidade que todos nós sentimos, vivemos — houve momentos de emoção, todos nós chorámos de alegria. Encontrámos, particularmente, identidade ideológica. Encontrámos o mesmo combate contra o colonialismo, neo-colonialismo, o imperialismo, o racismo. Encontrámos que há ali um combate de Luta contra as várias formas de manifestações e complexos de inferioridade, de superioridade, para estabelecer a verdadeira igualdade entre os homens. Encontrámos lá, que há uma sociedade nova — e essa sociedade nova é assumida pelo povo, é assumida pelos quadros, é assumida pela direcção, é assumida particularmente pela base.

Parece que estávamos a poucos quilómetros de Maputo. Quando víamos Havana, víamos Maputo — e não sei se é por acaso: também há muitas árvores, sombra, os ventos do mar sempre batem e refrescam nos sempre. A qui também existe, não é verdade?

Portanto, não nos surpreendeu. Nós já conhecíamos que há uma Declaração famosa de 1961: Declaração de Havana. O que é que diz essa declaração? Território Livre da América Latina.

Encontrámos ali o espírito verdadeiro de como receber camaradas que vêm de uma outra trincheira. Quer dizer, encontrámos ali a solidariedade para com o povo de Moçambique, a solidariedade para com a FRELIMO, a solidariedade para com a RPM, a solidariedade para com a Luta que nós travamos, contra os últimos bastiões da opressão, do colonialismo do apartheid. Quer dizer, o que nós vivemos aqui, sente-se em Cuba. As agressões contra a RPM estão, essas agressões, vividas e sentidas. Estão essas agressões na carne e no nervo de cada cubano.

Conhecem a nossa situação económica devastada pelo colonialismo. Conhecem a falta imensa que nós temos de quadros para todos os domínios. Sentimos isso.

Em cada lugar que nós visitávamos, líamos na cara de cada cubano alegria; víamos na cara de cada um, como é que se transporta a solidariedade. Nós pensamos que não se pode transportar a solidariedade, mas em Cuba vimos que se transporta a solidariedade. Está na cara, está na expressão, está no contacto, no gesto. Tudo isso exprime solidariedade para com um povo, um povo que é revolucionário. Quer dizer, há um respeito em Cuba pela Revolução que se desenvolve em Moçambique.

Estão convencidos que em Moçambique cria-se a nova socieda

de, a sociedade Socialista. Que em Moçambique há uma Luta consistente, há uma Luta intransigente, pelo triunfo da nova mentalidade, pela criação do homem novo. Sentimos isso em Cuba.

Mas, vimos também que esta identidade ideológica resulta da definição correcta do inimigo — o sentido agudo do que é o nosso inimigo e, quem são os nossos inimigos, quem são os nossos inimigos permanentes e a prática revolucionária de como resolver as contradições — contradições internas, contradições externas.

Nós sentimos isso. Há uma experiência, há uma vivência. Isto resulta desta noção profunda da teoria-prática, prática teoria. Quer dizer a prática é para enriquecer de novo a teoria. Encontrámos a nossa própria experiência que é a síntese, a análise crítica dos problemas da vida, e a preocupação profunda pela vida do povo: melhorar as condições de vida do povo no campo cultural, no campo económico, no campo social. Em todos os aspectos encontramos isso. É uma constante de todos os cubanos.

Visitámos lugares históricos, visitámos Moncada.

Moncada é como se nós vivéssemos a nossa própria experiência — a coragem de atacar o inimigo; como atacar o inimigo.

Visitámos Sidone, visitámos Santiago de Cuba. Vimos Sierra Maestra. E, quando vimos Moncada, quando vimos Sidone, quando vimos Santiago de Cuba, Sierra Maestra... então vimos o berço da Revolução cubana.

Vimos a força de um povo organizado. Força de um povo organizado por um Partido de Vanguarda, da classe operária e camponesa, dirigido pelo marxismo-leninismo. Quer dizer, vimos como desenvolver a ciência: a nossa arma, nosso instrumento — a ciência ao serviço da Humanidade.

Significa que nós vimos como organizar a morte da ignorância; como se forma a nova intelectualidade: intelectualidade totalmente integrada na sociedade, intelectualidade totalmente identificada com a sua origem (quer dizer amar o povo); intelectualidade que sabe combinar o trabalho intelectual e trabalho manual. Portanto, vimos como matar a intelectualidade elitista, que nós cha-



Presidentes Samora e Manley durante o comício realizado no palácio de desportos em Kingston. «Apesar das suas dificuldades, estes países prestam-se a enviar gratuitamente cooperantes».



Conversações em Cuba. «Quando viamos Havana, viamos Maputo (...) não era visita. Em Cuba, era ir ver como e que um povo se liberta, como é que um povo fica a confiar nas suas próprias forças».

manos a alguns «possuídos de diarreia intelectual». Diz que é intelectual porque esteve na Universidade. Não fez investigação científica, não se identifica com o terreno, vive, pensa — o meio intelectual diz que vive no espaço. Ninguém vive no espaço.

Quer dizer, vimos a intelectualidade com os pés enraizados na terra como as árvores. Quando nós dizemos com os pés enraizados na terra, é enraizado no coração do povo — é a força das árvores: raízes profundas. Nós vimos isso. Em lugar desta intelectualidade elitista, encontramos intelectualidade revolucionária.

Visitámos a ilha de Pinos. Aí mais uma vez, o homem como transforma a natureza.

A característica dos capitalistas, dos colonialistas, dos burgueses, é semear em toda a parte o analfabetismo, a ignorância, a superstição espalhada. Mas lá na ilha de Pinos, o que é que nós vimos — espalhar o quê, o que é que está espalhado lá?

Nós vimos, os burgueses espalham superstição, doença, miséria. Mas lá espalharam um instrumento para liquidar isso: vimos as

escolas em toda a parte, e os alunos auto-suficientes.

Nós visitámos as escolas onde estão os nossos alunos. Estão gestos... só um povo muito organizado, um povo que vive o internacionalismo, o verdadeiro internacionalismo proletário é que pode consentir que uma parte do seu território seja parte pura e simplesmente da humanidade, para outros povos.

Vimos isso. Isto significa solidariedade. Mais uma vez sublinharemos: a solidariedade de facto não é um acto de caridade, é uma ajuda mútua entre aqueles que lutam pelos mesmos objectivos.

Deram nos aquelas escolas por que sabem que lutamos pelos mesmos objectivos. Agora, como valorizar isso tudo?

E, essa ajuda cubana é uma ajuda desinteressada, é uma ajuda gratuita. Quer dizer, estão a criar novos destacamentos — destacamentos internacionalistas. Estão a consolidar os laços de amizade entre Moçambique e Cuba — formação dos nossos quadros.

E finalmente como expressão mais elevada de solidariedade, dos laços que unem os povos, laços profundos que nos unem a to-

dos nós revolucionários, é o Tratado de Amizade que foi assinado em Cuba.

Quer dizer, não era visita. Em Cuba, era ir ver como um povo se liberta, como é que um povo fica a confiar nas suas próprias forças: que é a solução de todos os problemas depende da nossa organização — organizar o nosso cérebro, estimular o nosso cérebro, sensibilizar o nosso cérebro: assim elevamos a nossa consciência. Mas, com simplicidade, modestia, humildade.

É por isso que eles conseguem avançar. Nada de vaidade, nada de arrogância — arrogância sim: para com o inimigo, não para com os amigos. É assim que nós vimos, sentimos, vivemos a vida em Cuba, que tem um Líder que é o nosso Companheiro Fidel. Vocês viram como ele é — a sua espontaneidade, a sua capacidade extraordinária inspira a todos nós revolucionários.

Por isso, não fizemos visita a Cuba. Fomos lá trocar experiências do passado do presente e do futuro. Há boas perspectivas. Já não é, aquele «monstro Cuba».